

O retorno do CAMPEÃO

Campeã **Viradouro, Beija-Flor, Vila Isabel, Salgueiro, Imperatriz e Mangueira** retornam à Passarela do Samba neste sábado.
Páginas 2 e 3

Mestre Ciça, o sambista que contagiou a Marquês de Sapucaí, volta ao palco que o consagrou

#cm

2

SEXTA-FEIRA

Sábado tem **Desfile das**

Alex Ferro/Riotur



Unidos de Viradouro

**AFFONSO NUNES,
FRED SOARES E RAFAEL LIMA**

Neste sábado tem Desfile das Campeãs. As seis escolas mais bem colocadas no Carnaval 2026 voltam à avenida com narrativas que encantaram o público. Destaque máximo para a Unidos de Viradouro, a grande campeã, que fez história ao apresentar um enredo sobre seu próprio mestre de bateria, Moacyr Silva Pinto, o Ciça, um sambista de se tirar o chapéu. Foi a primeira vez que um sambista vivo recebeu a louvação de uma escola em forma de enredo. O merecido título reverencia a essência do próprio Carnaval, pois a vitória de Ciça é a vitória do samba e de quem produz este grandioso espetáculo na avenida. Beija-Flor de Nilópolis, Unidos de Vila Isabel, Salgueiro, Imperatriz Leopoldinense e Mangueira completam a noite.



Desfile Beija-Flor de Nilópolis carnaval 2026

Luiza Monteiro/Riotur

Viradouro

A escola de Niterói transformou a trajetória de seu mestre de bateria no eixo narrativo de um desfile criativo e inovador que provocou forte reação do público, sagrando-se uma merecida campeã. Incansável, Ciça teve participação central na construção do espetáculo além de, na avenida, submeter-se a uma verdadeira maratona: atuou como regente da bateria - função que o consagrou no carnaval -, integrou o desenvolvimento do enredo, participou da apresentação do casal de mestre-sala e porta-bandeira e também compôs a comissão de frente. A escola estruturou o desfile de modo a reforçar o protagonismo do diretor de bateria na narrativa.

Beija-Flor

A azul e branco de Nilópolis apresentou desfile tecnicamente consistente e visualmente impactante para contar a história do Bembé, grande encontro de casas

Campeãs

Agência Enquadra/Folhapress



Vila Isabel

nageando o cantor Ney Matogrosso idealizado pelo criativo carnavalesco Leandro Vieira. No entanto, o samba-enredo, alvo de críticas desde a pré-temporada, não sustentou o desfile como se esperava. O destaque positivo da escola é o carro inspirado na canção “O Vira”, um dos mais bem resolvidos do desfile de todas as escolas.

Mangueira

Com o enredo “Mestre Sacaca do Encanto Tucuju - O Guardião da Amazônia Negra”, desenvolvido por Sidney França, a verde e rosa promoveu transformação significativa na concepção visual em relação a seus desfiles anteriores. As fantasias romperam com o padrão historicamente associado à Mangueira, apostando em soluções cromáticas ousadas, texturas sofisticadas e desenho mais arrojado. As alegorias apresentaram salto de qualidade em concepção e acabamento num desfile correto que, merecidamente, chega ao Desfile das Campeãs.



Acadêmicos do Salgueiro

de candomblé em Santo Amaro da Prifcação, no Recôncavo Baiano. A escola volta à Sapucaí com organização, acabamento refinado e segurança na execução do enredo com alegorias grandiosas, fantasias bem acabadas e evolução segura.

Vila Isabel

Um dos berços do samba, a tradicional agremiação da Zona Norte apresenta em cores vivas

o universo criativo de um dos grandes nomes do carnaval, o multiartista Heitor dos Prazeres. Sambista, pintor e compositor, Heitor foi um símbolo da riqueza da cultura afrobrasileira e ganhou da Vila um dos sambas mais brilhantes dos últimos desfiles.

Salgueiro

A escola tijuicana retorna contando um pouco de sua própria trajetória de glórias com enre-

do dedicado a Rosa Magalhães, artista que redefiniu a estética, a narrativa e a forma de contar histórias, consagrando-se como a carnavalesca mais premiada da era do Sambódromo e um pilar da construção do espetáculo moderno da avenida.

Imperatriz

A verde e branco de Ramos era forte candidata ao título com um potente enredo home-



Imperatriz Leopoldinense



Mangueira

Eduardo Hollanda/Rio Carnaval

Riotur

Lucas Vitorio/Riotur

BLOCOU! UM RIO DE OPÇÕES DE FOLIA

VEJA A PROGRAMAÇÃO DOS BLOCOS DE RUA NA CIDADE

Sexta, 20/2

Centro

- ✱Urubu Malandro - Largo São Francisco da Prainha, 4, Saúde. 17h

SÁBADO, 21/2

Centro & Paquetá

- ✱Bloco da Anitta - Rua Primeiro de Março, 1, Centro. 7h
- ✱Chulé de Santa - Rua Joaquim Murtinho, 2012, Santa Teresa. 12h
- ✱Alegria da República - Rua dos Inválidos, 5, Centro. 14h
- ✱Caraxué - Rua Cerqueira, 74, Paquetá. 15h
- ✱Só Cachaça - Rua Nabuco de Freitas, Santo Cristo. 16h
- ✱Superbacana - Praça Luiz de Camões, Glória. 17h
- ✱Berço do Samba - Travessa do Mosqueira, Lapa. 16h

Zona Sul

- ✱Sem Saída - Rua General Severiano, 52, Botafogo. 8h
- ✱Bloconce - Calçadão da Praia do Flamengo, 484. 9h
- ✱Bafafá - Praça São Salvador, 6, Laranjeiras. 10h
- ✱Se Essa Rua Fosse Minha - Rua Paulo VI, s/nº, Flamengo. 12h
- ✱Sufridus de Copacabana - Praça Inhangá, Copacabana. 16h
- ✱Mulheres de Chico - Praça Almirante Júlio de Noronha, 86, Leme. 15h
- ✱Pela Saco - Praça Tião Belo, Botafogo. 15h

Zona Sudoeste

- ✱Bloco dos Cachaças - Av. Lúcio Costa, 3604, Barra. 14h

Grande Tijuca

- ✱Faroeste Cabloco - Praça Xavier de Brito, 18 – Tijuca. 12h
- ✱Cordão da Tia Juca - Jardim Aldir Blanc, Tijuca. 16h

Ilha do Governador

- ✱Quem Vai Vai, Quem Não Vai, Não Cagueta - Praia Jardim Jerusalém, 8, Jardim Guanabara. 11h
- ✱Bloco Playmobil - Rua Artur Magioli, 42, Jardim Carioca. 12h
- ✱Vem Comigo Cachaçada - Praia do Zumbi, 51. 13h

Zona Norte

- ✱Sepulta Carnaval - Rua Ana Leonidia, 189, Engenho de Dentro. 14h

Zona Oeste

- ✱Bloco da Ressaca - Rua Barros de Alarcão, 464, Pedra de Guaratiba. 16h

DOMINGO, 22/2

Centro

- ✱Monobloco - CCBB, Centro. 7h
- ✱Bonde da Folia - Rua Fonseca



Fernando Maia/Riotur



Fernando Maia/Riotur



Eny Miranda/Riotur

- Guimarães, 8, Santa Teresa. 12h
- ✱Nossobloco - Rua Sacadura Cabral, 75, Saúde. 16h
- ✱Liga de Blocos e Bandas da Zona Portuária - Rua Sacadura Cabral, 355, Saúde. 16h

Zona Sul

- ✱Little Be - R. Visc. de Pirajá, 356 – Ipanema. 8h
- ✱Filhos da PUC - Av. Delfim Moreira, 1111 – Leblon. 9h
- ✱Condomínio Habitacional Barangal - Av. Vieira Souto, 9 – Ipanema. 9h
- ✱Saideira - Praça Almirante Júlio Noronha, 86, Leme. 16h

Grande Tijuca

- ✱Aí Sim! - praça Comandante Xavier de Brito, Tijuca. 12h

- ✱7 de Paus - Boulevard 7 de Setembro, 238, Vila Isabel. 16h

Ilha do Governador

- ✱União dos Blocos da Ilha do Governador - Rua Fernandes da Fonseca, 84, Ribeira. 10h
- ✱União dos Foliões da AFERJ - Praia da Olaria, 155, Cocotá. 11h

Zona Norte

- ✱República Suburbana - R. Soares Caldeira, 115 – Madureira. 10h
- ✱Amigos da Joaquim Méier - Rua Guaju, Méier. 16h

Zona Oeste

- ✱Vou Te Pescar - Rua C Dois, 18, Padre Miguel. 13h
- ✱Balbúrdia de Realengo - Rua do Espadarte, 14, Realengo. 15h



Wagner Meier/Riotur

Monobloco e Orquestra Petrobras Sinfônica promovem encontro musical nesta sexta

AFFONSO NUNES

Especial para o Correio da Manhã

Se somos unânimes em afirmar que o carnaval é a grande ópera popular brasileira por que não levar a orquestra para o samba e vice-versa? Essa é a proposta do Baile Sinfônico, encontro que reúne nesta sexta-feira (20), na Fundação Progresso, o Monobloco - uma instituição do carnaval de rua carioca e a Orquestra Petrobras Sinfônica. O evento propõe uma releitura do repertório do bloco por meio de arranjos sinfônicos, ampliando as possibilidades sonoras sem perder a característica energia percussiva que marca as apresentações do grupo liderado por Pedro Luís.

Fundado em 2000, o Monobloco consolidou-se como uma das principais expressões do carnaval contemporâneo do Rio de Janeiro, levando o samba e ritmos afro-brasileiros para além dos desfiles tradicionais. A parceria com a Orquestra Petrobras Sinfônica, que tem entre seus objetivos democratizar o acesso à música de concerto, representa um movimento de aproximação entre universos musicais historicamente separados.

Sob a regência do maestro Felipe Prazeres, os arranjos buscam equilibrar a estrutura harmônica e tímbrica de uma orquestra sinfônica com a pulsação rítmica característica do bloco. Criada em 1977, a Petrobras Sinfônica vem ampliando seu repertório nos últimos anos ao incorporar projetos que estabelecem pontes

Tem blororquestra na Fundação

O Baile Sinfônico incorpora os elementos melódicos da orquestra e o caráter percussivo do Monobloco



Renato Mangolin/Divulgação

com a música popular brasileira.

Para o maestro Felipe Prazeres, a apresentação representa a união de universos que se complementam: “O Baile Sinfônico é a prova de que a música brasileira é plural e potente. Quando a Orquestra Petrobras Sinfônica se encontra com a pulsação do Monobloco, criamos uma experiência que respeita a tradição, mas também aponta para novas possibilidades artísticas”, afirma.

O encontro entre samba e sinfônica não chega a ser inédito na história da música brasileira. Experiências semelhantes foram realiza-

“Quando a Orquestra Petrobras Sinfônica se encontra com a pulsação do Monobloco, criamos uma experiência que respeita a tradição, mas também aponta para novas possibilidades artísticas”

FELIPE PRAZERES

das ao longo das décadas, desde as orquestrações de Villa-Lobos até projetos mais recentes que buscam aproximar esses territórios sonoros.

SERVIÇO

BAILE SINFÔNICO - MONOBLOCO E ORQUESTRA PETROBRAS SINFÔNICA

Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24, Lapa)

20/2, às 21h

Ingressos a partir de R\$ 70 (meia entrada solidária mediante doação de 1kg de alimento)

Indiana Nomma em ritmo de Mardi Gras

Cantora revisita repertório da era de ouro do jazz entre as décadas de 1920 e 40

Indiana Nomma sobe ao palco do Blue Note Rio neste sábado (21), às 20h, para apresentar “Carnaval de New Orleans”, espetáculo que celebra o jazz tradicional nascido na cidade estadunidense e sua era de ouro entre as décadas de 1920 e 1940. A cantora brasileira-hondurenha, conhecida por seus tributos a grandes vozes como Ella Fitzgerald e Mercedes Sosa, revisita clássicos que marcaram a história do gênero, incluindo “All Of Me”, “Hello Dolly” e “When The Saints Go Marching In”.

O Mardi Gras de New Or-

leans, que tem suas raízes nas celebrações francesas do século 18, consolidou-se no século 20 como uma das festas de rua mais importantes dos Estados Unidos, com a música ocupando papel central. Entre o fim do século 19 e início do 20, as brass bands dominavam os desfiles, incorporando influências do Caribe, África, França e Espanha. Com o surgimento do jazz nos anos 1920, o gênero se tornou trilha sonora indissociável do carnaval local, tocado nas ruas por bandas que acompanhavam os desfiles.

Indiana Nomma iniciou sua

carreira profissional aos 17 anos e construiu uma trajetória que inclui apresentações em palcos prestigiados como o Carnegie Hall, em Nova York. No show, ela estará acompanhada por Daniel Grajew (piano), Nilton Leonarde (baixo), Lael Medina (bateria) e Felipe Aires (trompete). (A. N.)

SERVIÇO

INDIANA NOMMA - CARNAVAL DE NEW ORLEANS

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)

21/2, às 20h | A partir de R\$ 70



Marcelo Castelo Branco/Divulgação

Indiana Nomma interpreta hits que embalam o Mardi Gras

AFFONSO NUNES

Conhecido por seu palco intimista, o Manouche vem apostando em apresentações dominicais ao ar livre nos jardins da Casa Camolese. Prejudicado pelas chuvas de janeiro, o projeto “Manouche Lá Fora” retorna neste fim de semana com o show “Roda Caymmi”, no qual a cantora e compositora Alice Caymmi revisita a obra do avô Dorival Caymmi com novos arranjos em formato de roda de samba.

Patriarca de um riquíssimo clã musical, Dorival Caymmi (1914-2008) construiu um repertório único que costurou elementos da cultura baiana, da música praieira e do cotidiano popular. Composições como “Maracangalha”, “Modinha para Gabriela”, “Dora” e “Vatapá” estão no repertório selecionado por Alice, que sobe ao palco acompanhada por Alan Monteiro (bandolim), Rafael Malmith (violão de sete cordas) e Makley Matos, Edgar Araújo e André Vercelino na percussão.

Alice iniciou sua carreira discográfica em 2012 com o álbum autointitulado “Alice Caymmi”, produzido por Flávio Mendes com direção artística da própria cantora. Dois anos depois, lançou “Rainha dos Raios” (2014), trabalho que a consolidou como uma das vozes mais expressivas de sua geração e rendeu reconhecimento em 2017 com o Prêmio da Música Brasileira pelo DVD ao vivo homônimo. Ao longo de mais de uma década de trajetória, a artista transita entre samba, bossa nova e sonoridades pop, num diálo-

Alice comanda a

‘Roda Caymmi’

Clássicos do repertório de Dorival Caymmi recebem releituras em formato de roda de samba pelas mãos de sua neta

Depois de consolidar-se como artista, Alice Caymmi agora se sente à vontade para trabalhar com o repertório do patriarca da família



go permanentes com as raízes da MPB mas sem se limitar. Essa maturidade artística lhe permite agora se debruçar sobre o repertório do avô com liberdade criativa e segurança interpretativa.

“Essa terceira geração da família precisa tomar conta desse legado”, explica a cantora. “Agora, eu vou sem medo, pois já me afirmei individualmente como artista”, completa.

Esse amadurecimento se reflete na forma como Alice aborda o material. A cantora demonstra segurança ao interpretar o repertório do avô justamente por ter estabelecido sua própria voz na MPB, sem depender do peso da dinastia a que pertence. É essa identidade consolidada que permite à artista honrar o sobrenome de forma orgânica, iluminando as composições com sua leitura pessoal sem comprometer a essência das canções originais.

Alice destaca a atemporalidade das composições do avô e expressa seu desejo de ampliar o alcance dessas canções entre o público mais jovem. Com arranjos que refletem sua individualidade, busca criar pontes entre as novas gerações e a obra do patriarca. “Quero levar a música dele para o meu público”, diz.

SERVIÇO
Alice Caymmi - Roda Caymmi
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
22/2, às 18h
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária com doação de 1kg de alimento não perecível ou livro para o Retiro dos Artistas)

ROTEIRO MUSICAL
POR AFFONSO NUNES



Domingando no forró

O contrabaixista Arismar do Espírito Santo e o gaitista Gabriel Grossi apresentam “Domingou” no Blue Note Rio neste domingo (22), às 19h. O espetáculo homenageia o sanfoneiro Dominginhos (1941-2013) com repertório que inclui maravilhas como “Abri a Porta”, “Nilopolitano”, “Fuga pro Nordeste” e “Retrato da Vida”. O show promete solos, improvisos e interação com a plateia, celebrando o legado deste mestre do forró. A dupla lançou álbum homônimo em 2023 pelo selo Biscoito Fino. O trabalho reúne 15 faixas.



O jazz-rock de Molly Miller

O trio liderado pela guitarrista estadunidense Molly Miller se apresenta neta segunda (23), às 20h, na Audio Rebel, em Botafogo. A instrumentista de Los Angeles traz repertório que mescla jazz e rock. A artista já se apresentou em palcos como Hollywood Bowl e Royal Albert Hall, além de ter acompanhado Jason Mraz e Buddy Guy. O trio conta com Tamir Barzilay na bateria e o brasileiro André de Santanna no baixo. A guitarrista colaborou com Zayn Malik e é destaque em publicações especializadas como Guitar World e Premier Guitar.



Um Sabiá em Copacabana

O cantor e compositor João Sabiá destila nostalgia e afetos em seu novo show, “Nossa Copacabana”, que será apresentado nesta sexta (20), às 22h30, no Blue Note Rio. O artista explica que o espetáculo celebra o bairro onde ele nasceu com repertório que reúne clássicos de compositores como Dick Farney, Dorival Caymmi, Lúcio Alves, Tom Jobim, João Gilberto e Jorge Ben Jor, além de composições autorais de Sabiá que terá no palco a companhia de Alexandre Cavallo (contrabaixo) e Zé Mario Magalhães (bateria).

CRÍTICA TEATRO | FAFÁ DE BELÉM, O MUSICAL

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

N um ideário assertivo do produtor Jô Santana, “Fafá de Belém, o Musical” reverbera um status providencial para o teatro musical brasileiro. Vai além de revelar os meandros do ofício de uma das maiores cantoras do país, mas através de seus valores identitários, regala à audiência uma brasilidade fora do comum. Esquivando-se da cronologia, Eduardo Rieche e Gustavo Gasparani abarcam o talento e vocação da estrela brasileira, oriunda do Pará, exibindo a pluralidade do ambiente nortista: a floresta Amazônica, o rio Amazonas, os povos originários, o Círio de Nazaré em Belém – uma das mais poderosas procissões pelo mundo e Patrimônio Cultural da Humanidade, o Carimbó, o Boi-bumbá, tráfegando por um universo mítico, da colonização à contemporaneidade.

A memória funciona como uma espinha dorsal para conduzir a narrativa e os autores abrihantam-se na elaboração das cenas, pelas quais instaura-se 3 planos: o presente, a infância e o passado que agrupa toda a trajetória artística de uma das vozes mais populares do Brasil.

Experiente e engenhoso, Gasparani norteia sua gramática cênica, instigando ritmo adequado ao elenco, concedendo um espetáculo ágil, sem abrir mão da poesia que sua própria dramaturgia lhe propõe.

Brasilidade à flor da pele



Lucinha Lins dá vida a Fafá de Belém em uma das fases de vida da cantora

O elenco é liderado por Lucinha Lins, que domina a cena com seu carisma arrebatador, alternando-se entre o papel de Fafá e de sua mãe, enquanto Laura Saab – neta da homenageada – vive sua avó na tenra idade. No entan-

to, é na interpretação de Helga Nemetik que reconhecemos uma semelhança fascinante de Fafá. Nemetik é dessas cantrizes fora da curva, talento refinado, desvelando o próprio timbre daquela mulher paraense, alcançando no-

tas extraordinárias, cuja emoção e técnica propagam-se no mesmo diapásão. Os atores Ananda k, Clarah Passos, Daniel Carneiro, Diego Luri, Fernando Leite, Keren Silveira, Mona Vilardo, Naime e Thuca Soares mantêm

coesão, tomando o palco repletos de entrega e força, com destaque para a voz imponente de Gabriel Manitta ao viver o Papa e Sergio Dalcin, numa corporeidade exuberante na cena do boto.

A cenografia de Ronald Teixeira simboliza a natureza enriquecedora do norte brasileiro. Um dos pontos altos do espetáculo é o figurino de Claudio Tovar ao abusar de africanidade e indigeneidade. Tovar abre a cena com a protagonista num longo preto e capa brilhantes, veste a mesma com um manto dourado de tirar o fôlego, mistura renda – muito apropriada à região – impondo o cru, sobrepondo vestimentas tradicionais, instituindo teatralidade. Paulo César Medeiros investe no azul ao abrir o pano, enfatizando a memória, em perfeita sintonia dramática, invade o espaço com verde ressaltando a floresta amazônica. Renato Vieira desenha corpos com graciosidade, sobressaindo-se na coreografia do boto. Amalgamando ritmos regionais e modernos, Marcelo Alonso Neves acerta numa direção musical compatível. Os 50 anos da carreira de Fafá de Belém estão exaltados nesta obra que deve ser apreciada!

SERVIÇO
FAFÁ DE BELÉM, O MUSICAL
Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, xx - Cinelândia0
Até 8/3, quintas e sextas-feiras (20h) | sábados e domingos (17h) | Ingressos entre R\$ 40 e R\$ 200

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Toxicidade nas redes

Sucesso na Broadway desde sua estreia em 2023, o thriller psicológico “Job” encerra neste domingo (22) sua temporada no Teatro Adolpho Bloch. Com Bianca Bin e Edson Fieschi no elenco, a montagem brasileira aborda a história de uma profissional de moderação de conteúdo digital que enfrenta um colapso emocional e acaba sendo obrigada pela empresa a passar por uma terapia. O espetáculo explora os impactos psicológicos do trabalho nas redes sociais e a toxicidade que afeta diretamente quem lida com o ambiente digital.



Reflexões inclusivas

Com três décadas de atuação, a Cia Os Buriti apresenta “Depois do Silêncio” no Teatro Poeira até 25 de fevereiro. O espetáculo retrata a história de Anne Sullivan e Helen Keller, interpretadas por Camila Guerra e Naira Carneiro. A atriz surda Renata Rezende participa da montagem trazendo perspectivas contemporâneas sobre acessibilidade. A peça mescla teatro e dança, sendo encenada em português e libras pelas próprias atrizes, promovendo inclusão para o público surdo e reflexão sobre visibilidade de pessoas com deficiência.



Loucuras à beira-mar

A comédia ‘As Loucas de Copacabana’ encerra temporada no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, no próximo dia 27. O texto ágil do saudoso dramaturgo e roteirista Gugu Olimecha (1942-1994) retrata um triângulo amoroso ambientado em Copacabana nos anos 1990. O elenco conta com Narjara Turetta, Danton Lisboa, Guilherme DelRio, Rose Scalco e Andi Teixeira. A trama acompanha situações cômicas envolvendo traição, disfarces e mal-entendidos em um apartamento carioca.

SEXTOU! UM RIO DE

SHOW

JOSIEL KONRAD

✳Cria da Baixada Fluminense, o trombonista chega com seu Jazz Proibidão na celebração de um ano deste inovador projeto que funde o jazz com o funk carioca. É Miles Davis com Furacão 2000, improvisação com batidão, metais com tamborzão. Sex (20), às 20h (abertura dos portões). Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). A partir de R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

PEDRO MIRANDA & FORRÓ DA GÁVEA

✳Acompanhado por um regional formado pelos músicos Durval Pereira, Rodrigo Ramalho, Rafael dos Anjos e Pedro Aune, o cantor e compositor presta uma declaração de amor a Gonzagão, Dominginhos e todos os mestres do gênero. Sex (20), às 21h. Manouche (R. Jardim Botânico, 983). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

GAROTOS PODRES + GANGRENA GASOSA

✳Expoentes do punk rock brasileiro, as duas bandas paulistas apresentam clássicos de seus explosivos repertórios com toda crítica social, crueza e irreverência que caracterizam os dois grupos em shows completos. Sáb (21), às 20h (abertura dos portões). Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). A partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

MÁRVIO CIRIBELLI

✳O pianista niteroiense e convidados especiais apresentam show em homenagem ao saudoso Sérgio Mendes (1941-2024), arranjador e artista conhecido em todo o mundo. Sex (20), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

SLOWHAND

✳A banda apresenta repertório com clássicos de Eric Clapton como “Tears in Heaven”, “Layla”, “Wonderful Tonight”, “Cocaine” e muitos outros. Sex (20), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

MIGUEL RABELLO E JÚLIA NALI

✳Filho da cantora Amélia Rabello e do lendário violonista Raphael Rabello leva ao palco um violão sensível e pulsante. A seu lado, a cantora conduz a palavra como quem conta histórias ao pé do ouvido. Sáb (21), às 22h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70



Josiel Konrad



Pedro Miranda e Forró da Gávea

FEYJÃO

✳O cantor apresenta pocket show com repertório que passeia pelo samba, MPB e pop. Dom (22), às 17h. Casa Horto (Rua Pacheco Leão, 696 - Jardim Botânico). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

CARNAVAL NEON

✳Show de rock alternativo com tema de carnaval. Banda fantasiada, e estética de “apocalipse tropical” com direção de arte voltada para cores fosforescen-

tes. Sex (20), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo). R\$ 20

BOLA

✳O vocalista e compositor da Zimbra, faz seu primeiro show solo no Rio. No repertório músicas do seu novo disco, “Rafael”, além de outras composições da carreira do artista tanto do trabalho solo quanto da Zimbra. Dom (22), às 19h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo). R\$ 50

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Credores



Pedro Miranda e Forró da Gávea



Cão



Livro Poema/Poema Livro

TEATRO

CÃO

*Colaboração entre os grupos Clowns de Shakespeare (RN) e Magiluth (PE), espetáculo aborda o trabalho precário. Até 15/3, qui a sáb (19h) e dom (18h). Teatro I do CCBB (Rua Primeiro de Março 66, Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CREDORES

*Dois homens e uma mulher se encontram para um acerto de contas. Até 28/2, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (R. São João Batista, 104). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

EXPOSIÇÃO

DAR NOME AO FUTURO

*Pontos de observação sobre formas de existir e permanecer no mundo. Até 1/3, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

VIVA MAURICIO!

*Mergulho imersivo no universo criativo em torno da obra do quadrinista Mauricio Sousa, criador da Turma da Mônica e outros personagens. Até 13/4, de qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

GEOMETRIA VISCERAL

*Panorama da produção recente do paulista Gilberto Salvador, que volta aos espaços expositivos cariocas. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos reunidos por temas, conjuntos de linguagens. Até 1/3, ter a dom e fer (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48). Grátis

LIVRO POEMA/POEMA LIVRO

*A mostra apresenta livros de artista criados por Gabriela Irigoyen, que subvertem a estrutura tradicional do livro. Até 1/3, ter a dom 11h às 19h. CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

INFANTIL

MASHA E O URSO

*Nesta versão teatral da série fenômeno de audiência no YouTube, Masha, o Urso e os amigos da floresta vivem uma história de lealdade e coragem. Até 22/2, sáb (10h e 12h30) e dom (11h e 14h). Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R\$ 50

ONOMATOCLOWNS

*Projeto convida o público a transformar o espaço em um jogo coletivo. A ação, conduzida por palhaços, convida pessoas de todas as idades a inventarem diálogos curtos, pensamentos e expressões típicas da linguagem das histórias em quadrinhos. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

INVENTAMUNDOS

*Inspirado nas bonecas de papel e nas histórias em quadrinhos infantis, o laboratório

criado pela equipe de arte-e-educadores do CCBB Educativo desenvolve a criatividade do visitante e criar um personagem original com história, cenário e roupas customizadas. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

CURSO

OFICINA DE INSTRUMENTOS RECICLÁVEIS

*Artista, educador e pesquisador de sonoridades a partir de materiais reaproveitados, Dendê Macedo oferece oficina que propõe uma vivência artística e educativa onde som, sustentabilidade e criatividade se encontram. A partir de objetos do cotidiano e materiais recicláveis, os participantes são convidados a explorar possibilidades sonoras, construir instrumentos e experimentar ritmos de forma coletiva.

Do filme mais recente ao cinema vivo



'Moscas', de Fernando Eimbcke, do México, é o único longa latino em concurso



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ao rechaçar uma possível polémica capaz de tirar o foco da mídia sobre o que esteticamente conta numa Berlinale... os filmes..., o presidente do júri do Urso de Ouro de 2026, o cineasta alemão Wim Wenders, acabou criando um quiproquó para o evento, ao cravar que não existe empatia na política, ao contrário da arte. Sua tentativa de evitar uma discussão sobre os tensos posicionamentos de sua Alemanha natal acerca do conflito entre Palestina e Israel (o que evoca o fantasma da extrema direita), acabou por detonar uma campanha midiática sobre a mescla indissociável entre o político e o artístico. Muitos artistas que passaram pela competição dos troféus germânicos foram intimados a comentar o caso.

A melhor resposta foi dada no próprio arranjo de longas-metra-

gens selecionados pelo time curatorial da programadora americana radicada no Reino Unido Tricia Tuttle, a atual diretora artística do Festival de Berlim. Dos 22 títulos em confronto, 20 achados dela já exibidos são politicamente poéticos e poeticamente políticos, com a audácia de usar estruturas de gêneros dramáticos (melodrama, comédia, thriller, fábula, épico e até faroeste) para debater o maior câncer cultural do nosso tempo: a

necessidade do ódio a todo custo. Para a alegria da América Latina, "Moscas", do México, é quem melhor equacionou o problema, celebrando a afetuosidade em suas imagens em P&B.

Ao longo de 99 enxutos e comoventes minutos, este "Central do Brasil" mexicano, dirigido por Fernando Eimbcke (de "Olmo"), cozinha o melodrama na água fervente do humor e do legado analógico dos nos 1990 para mostrar como a

inocência de uma criança pode desarmar muita guerra.

No roteiro escrito por Vanesa Garnica com o cineasta, a solitária Olga (Teresita Sánchez) leva uma rotina avessa a afetos até se ver obrigada a alugar um quarto em casa para conseguir dinheiro para uma intervenção cirúrgica aos pés. Um homem (Hugo Ramírez) se candidata à vaga, sem lhe contar que tem um filho pequenino, Cristian (Bastian Escobar). A mãe



Kinotitlán

'Dao' se destaca pela ousadia. É gira pura!

Um 'Central do Brasil' à moda mexicana chamado 'Moscas' puxa o bonde da poesia na briga pelo Urso de Ouro de 2026, que com poucos, mas fortes favoritismos, celebra a liberdade



'Queen At Sea', de Lance Hammer, tem fotografia do paulista Adolpho Veloso

fosse um documentário pois eu queria a energia vital das ruas no filme, sem ter que parar o trânsito para isso, cuidando apenas de avisar as pessoas de que havia um filme sendo feito e consultando-as sobre autorização do uso de imagem para o caso de elas aparecerem", disse Eimbcke, que extrai uma interpretação tocante de Bastian.

Fora "Moscas", o mais próximo de um "já ganhou" nesta Berlinale é a atuação da alemã Sandra Hüller (de "Anatomia de uma Queda") em "Rose", no papel de uma mulher que se fez passar por homem, na Prússia do século XVII, para assegurar seu direito a terras. Fala-se muito (bem) também de "Queen at Sea", de Lance Hammer, fotografado pelo paulista Adolpho Veloso, um artista visual indicado ao Oscar por "Sonhos de Trem". A corte a esse longa britânico não é tão unânime quanto a acolhida ao desempenho de Sandra, mas há fãs cheios de ardor. Na trama, vinda do Reino Unido, Anna Calder-Marshall e Tom Courtenay têm interpretações de doer na alma, no papel de um casal maculado pelas asperezas da velhice. A personagem de Anna tem demência avançada e sua filha (papel de Juliette Binoche) quer protegê-la de uma forma que atinge desrespeitosamente seu padrosto (Courtney).

O cearense Karim Aïnouz meteu-se na briga pelo Urso de Ouro com o elegantíssimo "Rosebush Pruning" e rachou opiniões com a opulência com que retrata uma família aristocrática dos EUA, alocada na Espanha e abalada pela perda da matriarca (Pamela Anderson). Fez um "Dallas" cheio de tesão. Incesto, traição e ataques de lobos desenharam essa releitura que o diretor de "Motel Destino" (2024) fez (com elenco internacional classe AA) do cult italiano "De Punhos Cerrados" (1965), de Marco Bellocchio. A fotografia da francesa Hélène Louvart é seu trunfo. O desempenho do dramaturgo e ator Tracy Letts como um patriarca cego também causou boa impressão e pode lhe valer uma láurea de coadjuvante.

O país que mais se destacou na peleja pelos Ursos, em 2026, desde o início do Festival de Berlim, no último dia 12, foi a Turquia. De lá, veio o sinuoso "Yellow Letters", coprodução alemã de Ilker Çetak sobre um casal de artistas de teatro boicotados pela censura estatal. Também há um passaporte turco na ficha técnica do magistral "Salvation", um épico de Emin Alper no qual populações de uma vila rural ligada ao Islã lutam entre si pelo controle do território, enquanto um mo-

rador, tomado por superstições, desafia a liderança local.

Há que se realçar ainda a ousadia de uma experiência trazida da Guiné-Bissau: "Dao", de Alain Gomis, um diretor franco-senegalês aclamado na Berlinale de 2017 com "Félicité", que lhe deu então o Grande Prêmio do Júri. O cineasta pode repetir a dose com um trabalho de pesquisa que passa pela antropologia e pela dramaturgia, com eflúvios dos orixás, ao falar de um encontro de amigos e parentes de uma família num casamento e numa despedida. É gira pura.

"Nossa vida é um espasmo, mas o cinema, capaz de desafiar o tempo e a geografia, amplia o que vivemos com a dimensão de sua tela", disse Gomis ao Correio.

Orixás também dançaram na explosão de fantasia que é "Soumsoum, La Nuit Des Astres", do chadiano Mahmat-Saleh Haroun (de "Um Homem Que Grita"). Em sua audaciosa observação da convivência possível entre o mistério e o realismo neste mundo, o cineasta acompanha as angústias de uma jovem dotada de poderes sobrenaturais numa África intolerante.

Sacolejaram-se paradigmas da crítica na projeção de "At The Sea", um dramalhão do húngaro Kornel Mundruczó, a apostar no talento

de Amy Adams. Ela interpreta uma coreógrafa em vias de reabilitação na condução de suas vias étlicas. A relação com a filha e com o marido anda ruim, mas não tanto quanto seu trato com as memórias paternas, a lembrar de um pai também chegado a uma Caninha da Roça que passava dos limites em sua opressão.

Caberá a dois longas-metragens com CEP nos Estados Unidos (um deles de DNA brasileiro) dar o fecho na competição pelo Urso de Ouro da 76ª Berlinale, nesta sexta: o documentário "YO (Love Is A rebellious Bird)", de Anna Fitch e Banker White, e o suspense "Josephine", de Beth Araújo, americana cujo pai é paulista. Este último foi importado do Festival de Sundance, nos EUA, de onde saiu com o prêmio de Melhor Filme.

O maior presente desta Berlinale à cinefilia passou fora de concurso, mas deixa saudades. É uma produção americana importada de Sundance já com título em português: o thriller "O Batedor de Carteiros" ("The Only Living Pickpocket in New York"), com John Turturro em estado de graça. Sob direção iluminada do ator Noah Segan, o Barton Fink dos anos 1990 vive um ladrão profissional que "mete" a mochila de um bad boy (Will Price), sem saber que se trata de um mafioso. Entre os pertences que o gatuno "bateu", há um chip que conduz seu portador a segredos (leia-se \$) do crime organizado. Dali pra diante, caímos numa mistura do Scorsese de "After Hours" (1985) com os Irmãos Safdie de "Joias Brutas" (2019) que se desenha como um conto moral sobre o quão dura pode ser a vida da malandragem e também como uma carta de amor pra Nova York. Giancarlo Esposito, Steve Buscemi, Karina Arroyave e uma impecável Jamie Lee Curtis integram o elenco de um poema crepuscular sobre coisas que têm prazo de validade e coisas que ficam... para sempre. Berlim fica. A julgar pela força de sua programação, Tricia tem tudo para ficar também. Merece.

Neste domingo, o evento germânico chega ao fim. A partir da segunda, saberemos o que ecoa.

do menino está hospitalizada, a lutar contra uma doença terminal. Em determinado momento, Olga terá de tomar conta do guri, o que a retira da sua zona de conforto e conduz o público a situações onde o humor surge com naturalidade, com ecos de "Chaves", mas à moda do neorealismo de Vittorio De Sica ("Ladrões de Bicicleta").

"Oscar Wilde dizia: 'Onde há dor, há um lugar sagrado'. As pessoas deste meu filme se juntam por motivos que doem, mas existe luz nessa história", disse Eimbcke ao Correio da Manhã.

"Central do Brasil", que foi uma inspiração direta do realizador - ao lado de "O Garoto", rodado por Charles Chaplin em 1921 -, ganhou o Urso de Ouro em 1998, deflagrando a chamada Nova Onda Latino-Americana, que fez o cinema (o nosso e o) de nuestros hermanos empregar um conjunto de procedimentos documentais para narrar, na ficção, urgências de seus territórios. A consequência dessa marola foram sucessos como "Amores Brutos", "Cidade de Deus", "O Outro Lado da Lei" e "Temporada de Patos", o primeiro sucesso de Eimbcke, lá em 2004.

"Filmamos 'Moscas' como se



A alemã Sandra Hüller brilha em 'Rose'

Gerald Kerketz/ROW Pictures

Um garimpo

onde o Urso de Ouro não pisa

Em paralelo à sua competição oficial, a maratona cinéfila germânica consagra experiências em gêneros diversos, consolidando novas grifes autorais



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Nestes momentos que antecedem o encerramento da 76ª Berlinale, a apagar suas luzes às 23h50 do domingo, John Turturro põe a capital alemã no bolso como o ladrão de casaca do thriller “The Only Living Pickpocket In New York”, uma promessa de bilheterias polpudas que foi buscar vitrine num evento famoso por celebrar ousadas narrativas. Buscou seu espaço fora da competição oficial pelo Urso de Ouro, assim como muita iguaria da boa fez. Experiências narrativas provocantes vieram de diferentes cantos do mundo para as mostras paralelas do Festival de Berlim, no bom gosto de sua programadora para pensar o futuro do audiovisual. A atual curadora, Tricia Tuttle, pegou o bonde berlinense no fim de 2024, egressa do BFI London Film Festival, arrumou a casa na edição de 2025, quando o Brasil foi premiado por “O Último Azul” e, agora, apresenta uma seleção com o seu perfil. Confira os achados que ela optou por salpicar entre as distintas seções de sua maratona cinéfila.

THE BLOOD COUNTESS (“Die Blutgräfin”), de **Ulrike Ottinger** (Áustria): Um trinômio do Capeta – o guarda-roupa concebido por Jorge Jara, a maquilagem exuberante de Tünde Kiss-Benke e um design de produção, assinado por Christina Schaffer, que remete para uma casa de bonecas – pavimentam o engenho simultaneamente excêntrico e belo deste terrível que inquieta sob o prisma político. Ao fim da I Guerra, F. W. Murnau filmou vampiros (no caso, o “Nosferatu” de 1922) a fim de alertar para um ovo de serpente que os povos germânicos chocavam. Agora, a octogenária diretora de “Joana D’Arc da Mongólia” (1989) apela para uma aristocrata vampira para alardear seu medo diante do avanço da extrema direita alemã. O resgate da condessa assassina Erzsébet Bá-



Feito Pipa Misqui publius, quitiliuro mandervit quide



No Salgas



Blood Countess

thory (1560-1614) é crucial para esta mistura de teatro cabaré com “A Hora do Espanto”, tendo Isabelle Huppert de caninos afiados e Lars Eidinger de psicanalista.

UN HIJO PRÓPRIO, de Maite Alberdi (Chile): Indicada um par de vezes ao Oscar de Melhor Documentário por “Agente Duplo” (2020) e “A Memória Infinita” (de

2023), a diretora chilena se põe além das fronteiras mexicanas para registrar o impacto de uma falsa gravidez na vida uma jovem que ambiciona ser mãe. Seus parentes... em especial

o namorado... são impactados pela invenção da jovem, abrindo portas para Maite debater um de seus temas essenciais: o sexismo. Acompanha-se de lados diferentes um projeto de maternidade que se frustra.

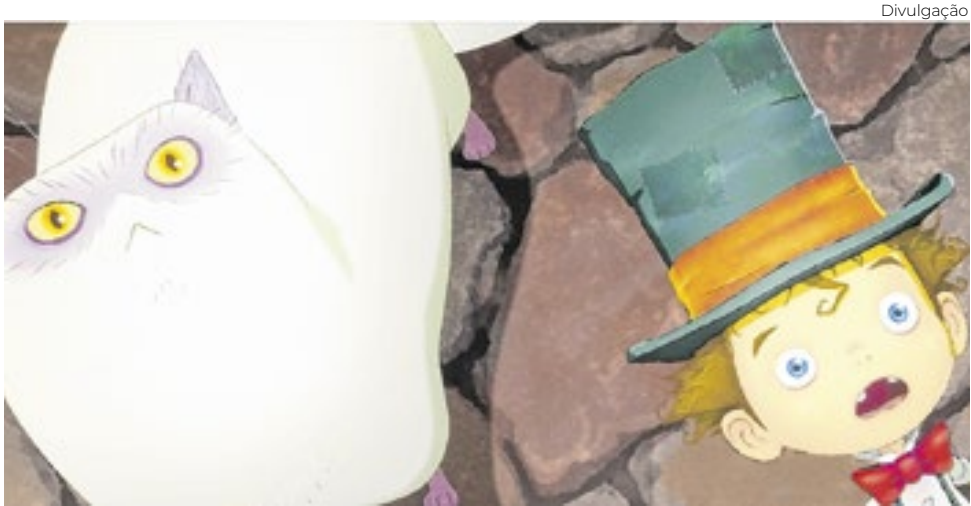
NO SALGAS, de Victoria Linares Villegas (República Dominicana): Um terror queer sobre uma jovem estudante, Liz (Cecile van Welie) que, após a morte da namorada, vai para uma casa de campo com amigas. No local, uma onda de paranoia vai gerar instabilidade e criar um clima de perigo perpétuo. Jaime Guerra assina a claustrofóbica fotografia.

NO GOOD MEN, de Shahrbanoo Sadat (Afeganistão): Tiraram sarro de Tricia Tuttle logo que o anúncio desta produção para o posto de abrelas da Berlinale foi divulgado, mas ela bateu bem e ficou no coração da plateia. Sua trama se passa em 2021, quando a protagonista, Naru (a própria cineasta), luta pela custódia do filho, de apenas três anos, Liam, que é fã de leões, sobretudo o “The Lion King” da Disney. Depois de deixar o marido infiel, ela se convenceu de que não existem homens bons no seu país. É pega de surpresa, em suas atuais convicções, quando o jornalista mais importante da Kabul TV, Qodrat (o ótimo Anwar Hashimi), oferece a ela uma oportunidade profissional de peso. À medida que os dois percorrem a cidade, a reportar os derradeiros dias de liberdade de uma região ferida, demarcada pelos Talibãs, Naru começa a questionar suas descrenças.

FEITO PIPA, de Allan Deberton (Brasil): Lázaro Ramos resgata, enfim, a plenária europeia, a mesma que o aplaudiu em “Madame Satã” (2002), agora num papel coadjuvante, que o ator baiano levanta com majestuosidade, sob a batuta do diretor de “Pacarrete” (2019). Gugu (Yuri Gomes), de 11 anos, é o personagem central, numa trama que dribla a homofobia e o terror do Alzheimer e faz gol na trave da inclusão. Na trilha para adolecer, bom de bola como poucos, Gugu cresceu sem mãe, sob a cumplicidade da avó (Teca Pereira, num quindim de atuação), que não tá nem aí para o fato de o guri se identificar com a



Un Hijo Propio



Chimney Town Frozen in Time

cultura queer. Já o pai do moleque, Batista (vivido por Lazinho), encasqueta com os modos do filho, quando precisa tomar conta dele, ao notar que a guardiã da criança está com sinais de demência. Deberton cria um “Don Quixote” mirim. Seu Cavaleiro da Alegre Figura sonha com um Nordeste de aceitação.

SAFE EXIT, de Mohammed Hammad (Egito): Marwan Waheed tem uma atuação colossal no papel do segurança Samaan. Neste thriller sobre acomodação de feridas geopolíticas, o rapaz encara os traumas deixados pela violência contra seus pais, vítimas de um massacre religioso que o mundo árabe tenta encobrir. A montagem de Dina Farouk é desconcertante.

SLEEP NO MORE (“Monster Pabrik Rambut”), de Edwin (Indonésia): O diretor de “Vengeance Is Mine, All Others Pay Cash” (Leopardo de Ouro de 2021) oferece arpejos enquanto discute a opressão laboral neste estudo sobre rendimento fabril e sobre os efeitos nefastos da mais-valia — no sentido marxista — na vida de quem sua por um salário mensal. O suor mistura-se com sangue e com uma entidade espectral. Edwin corta carnes e quebra ossos sob um pavimento melodramático estruturado na relação entre as irmãs Putri (Rachel Amanda) e Ida (Lutesha), exploradas numa fábrica de manequins onde procuram sustento. A chefia impõe turnos excessivos, privilegiando a produtividade em detrimento do descanso. Putri acredita que a mãe, também operária, se suicidou por causa dessa exploração. Ida sustenta que a progenitora foi possuída por uma entidade que surge quando o corpo enfraquece pela exaustão.



Hangar Rojo



Sleep no More

CHIMNEY TOWN: FROZEN IN TIME HIROTA YUSUKE (“Entotsumachi no Poupelle – Yakusoku no Tokedai”), de Hirota Yusuke: A pátria dos animês diz à Berlinale a que veio com esta fábula marota. Um jovem chamado Lubicchi está cheio de tristeza após perder o seu melhor amigo, Poupelle. Então, ele acidentalmente vagueia

por um reino misterioso que governa o Tempo. Neste mundo, qualquer relógio que para de funcionar é imediatamente descartado. Mas uma torre estranha permanece de pé, apesar do seu relógio estar parado às 11:59. Lubicchi descobre que a única maneira de voltar ao seu próprio mundo é reiniciar este relógio parado. Juntamente com o seu companheiro, Fluff, ele começa a desvendar o mistério da torre e de seus ponteiros. Durante a sua jornada, ele encontra Gus, um homem que manteve a fé e esperou por cem anos, e Nagi, um espírito da árvore que outrora assumiu forma humana.

HANGAR ROJO, de Juan Pablo Sallato (Chile): Com um orçamento de US\$ 700 mil e apenas 16 dias para dar conta da tarefa de recriar a América do Sul da década de 1970 na província de Mendoza, na Argentina, este thriller político não contou com o apoio do estado chileno. A marola de dificuldades não

limitou seu talento ao rever a saga de um capitão da Força Aérea que enfrentou suas autoridades fardadas durante o golpe que tirou Salvador Allende do Poder, em 1973. É um estudo delicado sobre a psiquê dos militares que rechaçaram ditaduras.

PAPAYA, de Priscilla Kellen (Brasil): Banho de sinestesia, com

um colorido lisérgico sintonizado com a musicalidade de Tulipa Ruiz, esta aventura a um só tempo ecológica e existencialista segue os rastros de um carocinho de mamão que não aceita se fincar na terra para firmar raiz e estagnar. Observando uma joaninha voar, a protagonista desta dulcíssima animação quer singrar céus, ainda que não tenha asas. Ao perceber a violência do predatismo industrial da agricultura, ela repensa o que é liberdade. O trabalho de montagem de Elaine Steola é de uma destreza ímpar.

THE WEIGHT, de Padraic McKinley (EUA): Indicado ao Oscar por “Blue Moon”, Ethan Hawke comprova seu vigor uma vez mais num western fora do tempo, ambientado nos anos 1930. Oregon, 1933. Samuel Murphy é separado da sua filha e enviado para um campo de trabalhos forçados brutal. O diretor da casa de detenção, Clancy (Russell Crowe), tenta convencê-lo a contrabandear ouro através da selva mortal em troca de uma libertação antecipada. Até onde Murphy irá para ver a sua filha novamente? Essa pergunta é respondida com adrenalina aos litros.

ENJOY YOUR STAY, de Dominik Locher e Honeylyn Joy Alipoio (Suíça/ Filipinas): Tá aqui o retrato mais contundente dos fantasmas da imigração entre todos os títulos da Berlinale que tocaram no tema. O estonteante desempenho da atriz Mercedes Cabral é seu pilar. Ela vive Luz, camareira (em estada ilegal) num hotel suíço de luxo. Para não perder a guarda da filha, ela se mete num esquema nada honesto, o que traz um toque de suspense digno da boa prosa policial europeia para esta produção.



No Good Men



Safe Exit

ENTREVISTA | LORENZO FERRO E LUCAS A. VIGNALE

CINEASTAS



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Se fosse combinada, a frase que dá título a esta entrevista com os cineastas Lorenzo Ferro e Lucas A. Vignale não teria saído como um coro, na informalidade, no encontro da dupla com o Correio da Manhã, no Berlinale Palast, para uma conversa sobre “El Tren Fluvial”, produção sul-americana com fortes chances de conquistar o prêmio principal da mostra Perspectivas. Tem concorrência sul-americana pesada para os dois, com “Nosso Segredo”, da mineira Grace Passô, e “Hangar Rojo”, de Jan Pablo Sallato, do Chile. Ainda assim, a destreza com que esses dois amigos e colegas de direção conduzem a saga de amadurecimento de uma criança no leito de uma tradição cultural em extinção, comoveu plateias da Alemanha.

Na trama rodada pelos dois, Milo Barria, de nove anos, está a crescer sob a pressão de se tornar um grande dançarino de malambo, o sapateado gaúcho. Ele sonha em assumir o controle da sua vida e escapar das suas responsabilidades de lavar pratos, cozinhar e praticar sua dança à noite. Milo quer outra vida. Ele fantasia viajar pela malha ferroviária e explorar a cidade de Buenos Aires, que já viu tantas vezes em filmes e na televisão. No entanto, para se libertar da rotina do campo, ele deve ousar embarcar numa nova jornada... que será árdua.

Lorenzo e Lucas conheceram-se há cinco anos e mantêm uma alquimia criativa perfeita. Pena que Javier Milei seja o líder da pátria que eles retratam.

Como é que se faz um filme como “El Tren Fluvial” na Argentina de Javier Milei?

Lucas A. Vignale - Estar com esse filme numa seção competitiva da Berlinale é um milagre, pois a situação no nosso país, com Milei, está cada vez mais sinistra. Filmar é um ato de resistência.

Lorenzo Ferro - Não somos futuristas, para projetar o amanhã, mas é necessário que algo mude para que nosso cinema se reestruture.

O que pode gerar essa mudança?

‘Filmar na Argentina hoje é um ato de resistência’

Rodrigo Fonseca



Lorenzo Ferro e Lucas A. Vignale se conheceram há cinco anos e conseguem atingir uma alquimia criativa perfeita em ‘El Tren Fluvial’

“É complexo quando duas pessoas tentam equalizar um filme juntas, pois há que se chegar a uma só voz”

LUCAS A. VIGNALE

Lorenzo Ferro - Pessoas que não encarem (Donald) Trump como um messias.

Lucas A. Vignale - Gente com cuca.

Quanto custou “El Tren Fluvial” e como ele se viabilizou?

Lucas A. Vignale - Poderia dizer que as filmagens, somente elas, custaram 20 mil dólares. Os outros custos ainda estão sendo contabilizados.

Lorenzo Ferro - É difícil filmar hoje sobretudo porque o Instituto Argentino de Cinema já não tem mais como apoiar. Fizemos o filme com a participação de estudantes, entre 20 e 22 anos, que se dispuseram a nos ajudar. Eu tenho 27 e Lucas tem 28.

Apesar de ser um filme de personagem, o longa de vocês é também o retrato de um espaço, que conversa muito com o legado da tradição documental sul-americana que criou, na ficção, um realismo livre do natura-

“Fizemos o filme com a participação de estudantes, entre 20 e 22 anos, que se dispuseram a nos ajudar”

LORRENZO FERRO

lismo. Como foi retratar esse mundo do malambo?

Lorenzo Ferro - Andrei Tarkovski dizia que existem dois

tipos de cineasta: aqueles que agarram uma realidade e a retratam e aqueles que inventam mundos. Milo nos mostrou um universo onde o mágico e o real podem conviver.

Lucas A. Vignale - É complexo quando duas pessoas tentam equalizar um filme juntas, pois há que se chegar a uma só voz. Como nos conhecemos há tempos, desde antes da pandemia, e filmamos juntos, temos essa harmonia.

O que aquele mundo argentino do sapateado gaúcho oferece de mais atraente?

Lorenzo Ferro - Entrávamos ali como se fôssemos estrangeiros, a ver um mundo que não nos pertencia. Isso abre miradas.

Lucas A. Vignale - Tintas oníricas foram o caminho para filmar aquele povoado.



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

V nos tempos em que a MTV era “A” televisão deste país, consagrada como cineasta depois de dirigir “Person” (2007) e “Califórnia” (2015), Marina Person encarna Diane Keaton ao estrelar a comédia (rascante) que virou o “filme-delícia” da Berlinale 2026, com ar de “Sessão da Tarde”, para se ver de mãos dadas: “Isabel”. Incluído na seção Panorama, bem escudado pelo esmero de seu produtor (Rodrigo Teixeira, de “Ainda Estou Aqui”), essa trama sobre vinhos, verdades entaladas e reinvenções dá à multiartista que apresentava os melhores videoclipes da Terra a chance de se firmar com atriz, numa atuação boa à beça.

“A Isabel é mulher que, aos 50 e poucos anos, para, olhe e diz: ‘Será que eu quero continuar a viver tudo do jeito que está?’. O sonho a faz ir adiante”, disse Marina ao Correio da Manhã, no Berlinale Palast, ao lado do ator Caio Horowicz e do diretor Gabe Klinger, paulista que estudou e filmou no exterior, consagrando-se com “Porto – Uma História de Amor” (2016), longa no qual prenunciou uma centelha autoral ao contrastar a (tão anunciada... e temida) liquidez afetiva do Presente com um debate sobre perenidades.

Flora Dias, à frente da direção de fotografia, empresta a Klinger um colorido dionísio para compor bem com os eflúvios bacantes que borbulham pelo espírito cronista do roteiro, escrito pelo diretor com Person. Tem uma SP com cara de Irajá, mais suburbana, de casinhas coloridas



Marina Person
brinca de Diane
Keaton na comédia
rascante ‘Isabel’

Brasiliidade de encher o copo

Apoiado no carisma de Marina Person, ‘Isabel’, egresso de SP, vira o ‘filme-delícia’ do festival alemão, numa trama regada a vinhos e recomeços

em que uma vizinhança chatonil-da reclama da instalação de botecos. Nesse local, a sommelier Isabel zanza entre o chamego do DJ francês Fred (Gregory Chastang) e a amizade pétrea do futuro expert em bebidas Nico (Caio Horowicz). Ela está cansada de seu patrão, o chef Tommaso (Marat Descartes) e pensa em mudar de ares. Em meio a esse ensejo, entra um investidor americano chegado a um cálice de Velho Barreiro (papel de John Ortiz), que planeja custear o projeto de Isabel em abrir um bar de vinhos nacionais.

“Ela está vulnerável, numa cidade patriarcal. O movimento do filme, ao dar voz a uma mulher,

“A Isabel é mulher que, aos 50 e poucos anos, para, olhe e diz: ‘Será que eu quero continuar a viver tudo do jeito que está?’. O sonho a faz ir adiante”

MARINA PERSON

é quebrar com esse patriarcado, não po acaso chamei Marina para escrever comigo”, diz Gabe.

Destaque do elenco de “Califórnia”, que lhe rendeu o troféu Redentor de Melhor Coadjuvante, Horowicz ressalta a jovialidade que Marina aporta ao papel.

“A curiosidade que Marina tem pela vida transborda nesse papel”, diz Horowicz.

Responsável por uma das atuações de maior vigor da Berlinale, Marina destaca a abordagem não usual com que SP é retratada é “Isabel”: “Não é a cidade cinza, de grandes empresas”, diz a atriz. “É uma São Paulo das ruas de paralelepípedo, de botecos de esquina”.

Contatos imediatos com a excelência das Gerais

Conceição Evaristo, autora que hoje mobiliza livrarias no Brasil inteiro, não precisou viajar até a Berlinale para que seu nome fosse citado com status de estrela (... e das telas, não das Letras) em múltiplos cantos da Alemanha, por sua atuação em “Se Eu Fosse Vivo... Vivia”. Num papo com o Correio da Manhã, anterior à filmagem da ficção científica de André Novais Oliveira, a escritora responsável por pérolas como “Canção de Ninar Menino Grande”, explicou a sua visão de quietude: “Não existe silêncio eterno. Silêncio pode ser uma escolha, uma tática pra se gritar depois. Silenciamento, não. Esse é opressão. E é contra ela que a palavra se impõe

como uma força. Palavra é vingança. Palavras falam pelos orifícios das máscaras que usamos”.

Pode-se encontrar essa visão de mundo pelos caminhos que a personagem de Conceição percorre no trabalho mais pujante do diretor de “Temporada” (2018), encarado como potência na cena do audiovisual feito em Contagem (MG). Seu roteiro faz de uma aparente simplicidade a colheita para suas tiradas existenciais.

“Diálogo é a parte de que eu mais gosto no roteiro e uso o que eu aprendo com a escuta. Ao chegar num bar, eu ouço atento quem fala mais, quem fala menos. Ali eu acho verdades. Ao levar essa escuta para o cinema, eu

não imponho o gênero em primeiro lugar. O absurdo nas situações que eu narro nesse novo filme é que me levam à ficção científica”, diz Oliveira ao Correio num papo no Berlinale Palast, protegendo-se de revelar a surpresa de sua trama.

Em “Se Eu Fosse Vivo... Vivia”, a plateia é levada ao Brasil da década de 1970. Contagem ainda é uma cidade em crescimento e serve de lar a um jovem casal apaixonado. O jovem Gilberto pede perdão a uma moça, Jacira, pouco antes de um encontro inesperado mudar o rumo das suas vidas. Cinquenta anos depois, os dois — agora interpretados por Norberto Novais Oliveira, o pai de André, e Conceição Evaris-



Conceição Evaristo e Norberto Novais Oliveira
em ‘Se Eu Fosse Vivo... Vivia’

to — continuam juntos. São um casal carismático e afável, na casa dos setenta anos. Levam uma vida feliz, apesar dos problemas de saúde próprios da idade, partilhando quase todas as atividades diárias lado a

lado. Quando Jacira é subitamente hospitalizada, Gilberto passa a viver acontecimentos perturbadores, numa espiral através do tempo e do espaço (literalmente), que o conduz ao desconhecido. (R. F.)

vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sescrj.org.br/cultura

portalsescrj sescrj sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ



Curta-metragem brasileiro dirigido por Alex Vidigal, já está na fase de pós-produção e estreia ainda neste ano

Curta do DF retrata encontro de gerações

Com produção da Odara Filmes e recursos do FAC-DF, curta une o drama juvenil ao surrealismo para narrar o reencontros

REYNALDO RODRIGUES

A Odara Filmes realizou, até a última semana, as filmagens de “Tenho Você em Mim”, novo curta escrito e dirigido pelo professor e diretor Alex Vidigal. Rodado em Brasília, com locações em regiões como Sobradinho, no Conic, Memorial dos Povos In-

dígenas e Torre de TV Digital, o projeto é viabilizado pelo Fundo de Apoio à Cultura do DF e tem estreia prevista em festivais no início de 2027.

Uma história de encontros

O filme acompanha uma adolescente introspectiva, vivi-

da por Elaine Amaro, cuja rotina de tutoriais de maquiagem e ensaios de dança solitária é transformada pela chegada da avó, interpretada por Terezinha. Vinda do Norte com sua rede de dormir e um jabuti de estimação, a matriarca introduz um tempo mais antigo na vida da neta. O estranhamento inicial dá lugar

a uma aproximação silenciosa, marcada por gestos mínimos e afetos em construção.

O ponto de virada surge quando um canto ancestral da avó é remixado em música eletrônica pelo amigo da jovem. Da fusão improvável nasce uma nova dança — e, com ela, a percepção de que tradição e contempora-

neidade não competem, mas se atravessam. O conflito geracional se dissolve em ritmo, memória e descoberta de identidade.

Encontro de gerações

A narrativa privilegia o protagonismo feminino dentro e fora da tela. A convivência entre mulheres de diferentes idades ecoa na equipe liderada por Emilia Silberstein, na direção de fotografia, e Helena Dupin, na produção executiva. Segundo Vidigal, o projeto nasce de uma energia criativa compartilhada e de um olhar que valoriza ancestralidade e pertencimento.

Visualmente, o curta aposta no contraste entre o cotidiano contido, de cores pálidas e enquadramentos estáticos, e os momentos de transe musical, que explodem em tonalidades vibrantes e atmosfera onírica. A direção de arte de Daniel Banda e Katia Ortiz amplia essa dualidade, transformando espaços íntimos em territórios simbólicos.

Produzido em parceria com a Frame Digital e a Tao Luz e Movimento, o curta investe em uma narrativa sensorial que observa o cotidiano com delicadeza documental. Entre silêncio e som, o filme propõe uma travessia afetiva que conecta gerações e reafirma o cinema como território de encontro, onde memória e futuro coexistem.

O filme marca o terceiro capítulo de uma trilogia idealizada por Vidigal. Os outros títulos são O Filho do Vizinho, de 2010, e Riscados pela Memória, de 2018. Cada obra se dedica a uma fase da vida e às questões que atravessam esse período.

GIRO CULTURAL

POR **R E Y N A L D O R O D R I G U E S**



Clássicos do cinema

O Cine Clube Mapati (707 Norte), promove, no dia 27 de fevereiro de 2026, às 19h30, a exibição do clássico do cinema nacional “Bye Bye, Brasil”, dirigido por Carlos Diegues, o Cacá Diegues. A sessão integra a programação permanente do projeto no Espaço Cultural Mapati e reforça a proposta de ampliar o acesso ao audiovisual de relevância artística e histórica. Criado por Marcos Martins, sócio fundador do Espaço Cultural Mapati, com apoio da atriz e diretora teatral Tereza Padilha. Entrada gratuita, classificação 18 anos.



Restaurant Week 2026

O Polo Gastronômico do Venâncio Shopping participa da 33ª Brasília Restaurant Week, até 8 de março, com menus completos de almoço e jantar a partir de R\$ 73,90. Integram o festival Confraria do Camarão, Jamie Oliver Kitchen, Outback Steakhouse, Cantón Peruvian & Chinese Food e Zero61 Gastrobar, com entrada, prato principal e sobremesa. O festival valoriza a gastronomia local, amplia o acesso do público a experiências autorais e reforça o shopping como referência culinária na área central da capital.



Um álbum de Carnaval

Com mais de 20 anos de carreira, a Banda Estrambelhados lança o quarto álbum Carnaval Não Acaba Nunca!, já nas plataformas digitais. O disco reúne dez faixas autorais que misturam marchinhas a carimbó, jongo, blues e samba reggae. O repertório será apresentado ao vivo em 14 de fevereiro, às 22h, no coreto Elpidio dos Santos, em São Luiz do Paraitinga. Independente e distribuído pela Tratore, o trabalho celebra a tradição carnavalesca local com sonoridade contemporânea e energia festiva que pretende ecoar além da folia.

SEXTOU! UM DF DE

CARNAVAL

Ressaca de blocos

✳️ O Bloco Batuqueiras Mais volta às ruas do Distrito Federal em 2026, com saída em 21 de fevereiro, na Candangolândia. Mesmo sem edital, a edição é viabilizada com recursos das integrantes, reafirmando o caráter coletivo e a defesa da cultura popular. Com o tema “Brinquedos do Brasil”, a programação gratuita reúne ritmos tradicionais e valoriza ancestralidade, diversidade e descentralização do Carnaval.

Bloquinho infantil

✳️ A folia continua no Boulevard Shopping Brasília com a Ressaquinha de Carnaval, neste sábado (21), a partir das 13h. A festa gratuita reúne oficinas, pintura de rosto, pipoca e algodão-doce, além de show da Banda Matrakaberta e do espetáculo Bob Zoom em: O Musical, às 16h30. A programação é voltada a toda a família e inclui recursos de acessibilidade, como intérprete de Libras e abafadores de som. O público é convidado a ir fantasiado para prolongar a alegria do Carnaval em um ambiente inclusivo e pet friendly.

PROJETO

Sessão de inclusão

✳️ O Boulevard Shopping Brasília recebe neste domingo (22), às 11h, mais uma edição da Sessão Azul, no Kinoplex Boulevard Shopping. A exibição inclusiva do filme Um Cabra Bom de Bola é voltada a pessoas com distúrbios sensoriais e suas famílias, com luzes suaves, som reduzido e liberdade de movimento. Os ingressos têm valor de meia-entrada. A iniciativa reforça o compromisso do shopping com acessibilidade, oferecendo ambiente acolhedor, recursos de apoio e estrutura preparada para o público neurodivergente.

Formação em arte

✳️ Estão abertas, de 18 a 26 de fevereiro, as inscrições para o curso de extensão “Arte-educação e o legado de Abraão Batista”, do Instituto Federal de Brasília (Campus São Sebastião), em parceria com o Centro de Artes de Brasília. Integrada ao Programa Nacional Escola Nego Bispo, a formação gratuita (60h) aborda xilogravura, cordel, música e oralidade como práticas de educação antirracista. As aulas presenciais ocorrem às sextas, de 6 de março a 24 de abril, na



Barbarah Queiroz.

Bloco Batuqueiras Mais confirma segunda edição no pós-Carnaval no DF



Divulgação

Ressaquinha de Carnaval do Boulevard Shopping



Divulgação

Formação no Centro de Artes de Brasília

Vila Telebrasília. São 25 vagas, com bolsas de R\$ 600 e seleção por sorteio on-line em 27/2.

TEATRO

Ações artísticas

✳️ A Estupenda Trupe celebra 20 anos com ações gratuitas em 2026, viabilizadas pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal e realizadas pelo Instituto Estupenda Produção Cultural. Entre as novidades, estreia o “Dicionário sobre o Teatro do Oprimido”, com aulas sobre a técnica de Augusto Boal, e o

podcast “Contracena”, com entrevistas de nomes da cena cultural de Brasília. Os conteúdos estão no YouTube e nas redes do grupo. Com duas décadas de trajetória, a companhia reafirma o teatro como prática de resistência, formação e diálogo com a comunidade.

Teatro Lambe-Lambe

✳️ O Instituto Transforma e a As Caixeiras Cia. de Bonecas realizam, com fomento da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do DF, o 4º Encontro de Teatro Lambe-

-Lambe nos dias 21 e 22 de março de 2026, no Teatro Nacional Claudio Santoro. Com entrada franca, o evento reúne 15 espetáculos do Brasil e do exterior em sessões contínuas, valorizando a linguagem de miniaturas cênicas para um espectador por vez. A programação inclui ainda a atividade formativa “Abertura de Caixas”, voltada ao intercâmbio entre artistas e ao fortalecimento da cena.

Teatro Verônica Moreno

✳️ O Imaginário Cultural abriu edital para selecionar espetá-

culos do III Festival de Teatro Verônica Moreno, que ocorre em abril no Complexo Cultural Samambaia e em escolas públicas da região. As inscrições seguem até 28 de fevereiro para montagens de diversas linguagens, com foco em protagonismo feminino, diversidade e acessibilidade. Serão escolhidos 17 espetáculos. As apresentações serão gratuitas.

O Cordel da Bela e a Fera

✳️ O espetáculo “O Cordel da Bela e a Fera”, adaptação do livro de Clara Rosa Cruz Gomes,

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Mostra inédita de Sarah Maldoror



O Cordel da Bela e a Fera



Espectáculo teatral em festa



Projeto cultural na cidade

integra a programação da Mostra Teatral de Brasília, no Teatro Brasília Shopping. Com direção de Gabriel Neves, a montagem une o clássico conto de fadas à estética do cordel e a ritmos nordestinos, como a ciranda. Em cartaz nos dias 21 e 28 de fevereiro, às 11h, a peça tem entrada gratuita, com classificação livre, e valoriza a cultura popular em uma narrativa rimada, musical e voltada a toda a família.

CINEMA

Mostra Sarah Maldoror,
*O Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo apresenta, de 21 de fevereiro a 22 de março, a mostra gratuita dedicada à Sarah Maldoror, pioneira do cinema anticolonial. A retrospectiva reúne 34 obras, entre curtas e longas, com destaque para Sambizanga, exibido na abertura. Com curadoria de Lúcia Monteiro, Izabel de Fátima

Cruz Melo e Letícia Santinon, a programação inclui debates, cursos e paralelos com cineastas negras latino-americanas. A iniciativa evidencia a relevância histórica e estética da diretora na luta anticolonial e no protagonismo feminino no cinema.

“Sonário da Terra”

*A cineasta brasileira Camila Machado lança o Sonário da Terra, biblioteca digital gratuita com registros sonoros de comunidades rurais do Distrito Federal. O acervo, gravado em 2023 no Assentamento Pequeno William e no Acampamento 8 de Março, reúne cantigas, relatos e sons do cotidiano do campo. Realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal e apoio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o projeto valoriza o patrimônio imaterial e disponibiliza o conteúdo sob licença livre para uso cultural e educativo.

LANÇAMENTO

Fotolivro e exposição

*A Ocupação Cultural Mercado Sul Vive celebra 11 anos neste sábado (21), das 10h às 23h, na QSB 12/13, em Taguatinga. A programação gratuita marca o lançamento do fotolivro “Mercado Sul: Um Chão de Cores” e da exposição “Chão de Cores”, que resgatam a memória do Beco da Cultura. O evento reúne ainda oficina de samba mirim, roda de conversa e shows de Aya Puntare, Bloco da Onça Preta, MC Garnet e Ramona Jucá, reforçando a luta pelo reconhecimento do território como patrimônio cultural do Distrito Federal.

Volta às aulas com arte

*O Centro Cultural Banco do Brasil Brasília oferece o Rolê na Exposição, visita mediada para escolas e instituições, com foco no diálogo coletivo sobre as mostras em cartaz. Gratuita, ocorre de terça a sábado, com 1h30 de duração e mediação especializada, mediante agendamento. Escolas públicas têm transporte e material pedagógico. O programa inclui a Visita-espetáculo, que une ações de artes da cena e educação em percurso sensível pelo espaço. A iniciativa integra novo projeto do CCBB Educativo, com patrocínio do Banco do Brasil, via Lei Rouanet. O acesso é gratuito, mediante retirada de ingresso no site.



4º Encontro de Teatro Lambe-Lambe

Chico Simões ministra curso gratuito de mamulengo na região de Taguatinga

Mamulengo em teatro vivo: inscrições para cursos abertas

REYNALDO RODRIGUES

Especial para o Correio da Manhã

Estão abertas as inscrições para a Escola de Mamulengo, curso gratuito de teatro de bonecos ministrado pelo ator e brincante Chico Simões, do Mamulengo Presepada. As aulas iniciam em março e serão realizadas durante três meses no histórico Ponto de Cultura Invenção Brasileira, em Taguatinga. As vagas são limitadas e as inscrições ficam abertas somente até o dia 25 de fevereiro. O link de inscrição está disponível nas redes sociais do projeto, sendo: @btmsolucoes.

Capacitação

A Escola de Mamulengo abre vagas com o objetivo capacitar jovens e adultos interessados em aprender sobre o Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, patrimônio cultural brasileiro reconhecido pelo Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ao todo serão apresentadas 48 horas-aulas com variações de estudos teóricos e práticos, realizados sempre aos sábados dos meses de março, abril e maio, das 8h às 12h. Todos os encontros contarão com auxílio de intérprete de Libras e monitor para pessoas com deficiência visual. Os selecionados inscritos no projeto cultural serão contactados individualmente, por e-mail ou telefone, até o dia 28 de fevereiro.



Divulgação

“As culturas populares tradicionais têm sido buscadas por uma nova geração.”

CHICO SIMÕES

Aulas começam em março, com duração de três meses



Cena da obra “O Romance do Vaqueiro Benedito”



Histórias do palhaço Mateus da Lelé Bicuda

Pela continuidade da tradição nordestina

Ao final do curso, será realizada uma apresentação pública e gratuita no DF

As aulas da Escola de Mamulengo são facilitadas por Chico Simões, bonequeiro brasileiro fundador do grupo Mamulengo Presepada e do Ponto de Cultura Invenção Brasileira, com mais de 50 anos de trajetória cultural. Utilizando recursos da educação patrimonial, Chico Simões busca com este novo projeto seguir promovendo a continuidade, a preservação e a valorização do mamulengo em Taguatinga e em todo o Distrito Federal, que é considerado a localidade com

a maior concentração de Mamulengos fora da região Nordeste.

Na Escola de Mamulengo, a tradição oral e o ensino teórico sistematizado se unem para trazer sentido aos novos brincantes da sociedade atual. “As culturas populares tradicionais têm sido buscadas por uma nova geração que procura alternativas de sobrevivência frente a um tempo tão acelerado e digital. Isso é muito importante! Nosso projeto não é uma escola padrão, e sim uma escola de convivência atuali-



Divulgação

Fundador do “Presepada”

zada para o presente, sem perder as raízes firmadas na oralidade”, comenta o bonequeiro.

O cronograma de aulas inclui conhecimento teórico, compartilhamentos e práticas de corpo e voz, métodos básicos de artesanato para montagem de cenários e adereços, além da construção de um elenco de bonecos que ficarão sob posse permanente dos alunos. A programação também contará com a participação de três convidados em palestras mensais: Daniel Carvalho (mú-

sica para mamulengos), Joaley Almeida (escultura em mulungu) e Maria Villar (toldas, figurinos, adereços e outras milongas).

A Escola de Mamulengo é realizada pela BTM Soluções com recursos da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB-DF). Ao final do curso, será realizada uma apresentação pública e gratuita com o resultado do aprendizado, permitindo que a comunidade taguatinguense e brasiliense aprecie o trabalho dos novos brincantes formados.

O retorno do CAMPEÃO

Campeã **Viradouro, Beija-Flor, Vila Isabel, Salgueiro, Imperatriz e Mangueira** retornam à Passarela do Samba neste sábado.
Páginas 2 e 3

Mestre Ciça, o sambista que contagiou a Marquês de Sapucaí, volta ao palco que o consagrou

#cm

2

SEXTA-FEIRA